

O HOMEM COMO UM SER-PARA-MORTE NAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

p. 44-49

Ramon Diego Câmara Rocha¹

Resumo

O presente trabalho possui, como objetivo, estudar as relações entre a teoria do homem como um ser-para-morte, do filósofo alemão Martin Heidegger e a consciência da morte como condição existencial do personagem Brás Cubas no romance Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Por meio dessa aproximação comparativa, pretendemos caminhar em uma perspectiva dialética por meio da qual se debaterá o texto filosófico como suporte para a leitura da obra de arte e, conseqüentemente, o da linguagem, como caminho existencial do ser. Tal abordagem aprofunda as reflexões oriundas desse tipo de articulação, aproximando essas duas áreas do conhecimento no tocante à temática da morte. Teóricos como Montaigne (1965), Heidegger (1999), Compagnon (2014), Bakhtin (1997) e Schwarz (2000) serão de extrema importância para o desenvolvimento deste corpus, contribuindo para a construção de nosso arcabouço teórico.

Palavras-chave: Machado de Assis. Martin Heidegger. Literatura comparada. Literatura e filosofia.

Abstract

The present work has, as objective, to study the relations between the theory of man as a being-to-the-death, the German philosopher, Martin Heidegger, and the consciousness of death as the existential condition of the character Brás Cubas in the novel the Posthumous Memoirs of Brás Cubas, Machado de Assis. Through this approach comparative, we intend to walk in the perspective of the dialectic by means of which they will discuss the text philosophical as support for the reading of the work of art and, consequently, the language, as a way of existential be. Such an approach deepens the reflections from this type of articulation, approaching these two areas of knowledge in relation to the theme of death. Theorists such as MONTAIGNE (1965), HEIDEGGER (1999), COMPAGNON (2014), BAKHTIN (1997), and SCHWARZ (2000) will be of extreme importance for the development of this corpus, contributing to the construction of our theoretical framework.

Keywords: Machado de Assis; Martin Heidegger; Comparative literature; Literature and Philosophy.

Introdução

Mesmo criticado por incorporar-se ideologicamente ao regime nazista, Martin Heidegger é, ainda, um dos filósofos mais influentes do século XX. O autor inovou em diversos aspectos da filosofia, não só por propor uma revisão da ideia de metafísica, repensando a diferença ontológica acerca dos conceitos de ser e ente, como também por pensar a condição do ser humano em função de um ser-para-

morte, a partir do qual a linguagem poética seria um caminho de abertura dessa condição de existência, fruto de um constante devir.

O filósofo alemão também contribuiu em importantes discussões acerca do papel da filosofia e de seus desdobramentos ao decorrer da história, estudando suas implicações para uma analítica do ser. Apoiado em uma minuciosa revisitação da língua e cultura gregas, modificou também a

1- Mestrando em estudos literários pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Linha de Pesquisa: Literatura e Cultura. Contato: ramondiegoserjipe@hotmail.com

maneira de se pensar as relações entre ser e mundo. Logo, seu modo de pensar a filosofia norteou, ao decorrer do tempo, vários estudos sobre as relações do homem com a linguagem e de como esta liga-se, intrinsecamente, a nossa forma de existir.

É partindo, portanto, dessa perspectiva filosófica, que abriremos um diálogo entre as ideias do filósofo e a construção do romance machadiano. Neste, debruçaremos-nos sobre a manifestação da morte, por meio do personagem Brás Cubas, como uma condição narrativa que autoriza e legitima a existência do narrador-personagem.

Desse modo, a discussão que dá origem a este artigo apoia-se na filosofia como suporte para um estudo comparado, contrapondo e aproximando os escritos filosóficos de Heidegger, que versam sobre o conhecimento da morte como ponto de reflexão sobre a existência do homem, do romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis.

Para que sigamos, no entanto, o caminho metodológico proposto, nosso trabalho se dividirá em três etapas: 1^a) veremos como as ideias do filósofo alemão corroboram para um pensamento acerca da condição humana no tempo, apoiando-se na morte como elemento constitutivo dessa reflexão; 2^a) veremos como a morte é exposta, através do narrador-personagem, no romance Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis; 3^a) baseados nas teorias heideggerianas analisaremos como a composição literária machadiana utiliza-se da morte como elemento de legitimação narrativa e existencial do personagem da obra machadiana.

1. O homem como um ser-para-morte

Muitos foram os filósofos que discorreram sobre a morte, apoiando-se nas mais diversas abordagens. No entanto, poucos foram os que acreditaram no nosso conhecimento acerca da morte como condição necessária para nossa existência. Entre os que se dispuseram a pensar sobre isso, vale ressaltar Michel de Montaigne e Martin Heidegger. Suas perspectivas, apesar de fundamentarem, no tocante à ideia de morte, de maneiras distintas, aproximam-se, no entanto, ao reconhecer, na morte, um elemento catalisador de nossa reflexão sobre a existência.

Montaigne, em *Les essais*², trata dessa questão

2. Ensaios.

3. Tradução minha do trecho “Le but de notre carrière, c’est la mort, c’est l’objet nécessaire de notre visée: si elle nous effraie, como est-il possible d’aller un pas avant, sans fièvre?”.(MONTAIGNE, 1965, p.115)

4. A tradução dessa expressão, do francês para o português seria “O que é isso, a Filosofia?”.

no ensaio número XX de sua obra, intitulado O que é filosofar senão, aprender a morrer? Nele o filósofo francês fala-nos sobre o medo e impotência diante da morte, na medida em que a reconhece enquanto elemento necessário diante de nossa caminhada no mundo. Algo que fica mais explícito nesse trecho em destaque “O início de nossa caminhada é a morte, ela é o objeto necessário do nosso destino: se ela assusta-nos, como é possível caminhar um passo à frente, sem temer?”. (MONTAIGNE, 1965, p.115)³.

Já no que concerne às teorias do filósofo alemão, a morte é vista como elemento da condição humana sem um juízo moral que a fundamente. O homem torna-se, para Heidegger um ser-para-morte, não como uma forma de liberdade ou de estar em paz, como acreditara Montaigne, mas sim como uma condição necessária a sua existência.

Partindo dessa perspectiva, debruçaremos-nos sobre a ideia de morte na visão do filósofo alemão, visto que esta se aplica melhor às reflexões propostas neste artigo. Contudo, antes de estudarmos a ideia do homem como um ser-para-morte proposta por Heidegger lançaremos um olhar mais atento, sobretudo, aos conceitos de ente e ser, compreendendo-os por meio de uma diferença ontológica fundamental para que possamos, posteriormente, estabelecer considerações acerca dessa analítica fenomenológico-existencial.

Ainda pensando nesta diferença ontológica, o mesmo autor escreveu um de seus artigos mais importantes, intitulado *Qu’est-ce que la Philosophie?*, no qual ele nos fala um pouco mais sobre essa diferença conceitual:

O ser-aí é imediatamente o homem e o mundo ao mesmo tempo, em sua realidade finita imediata, entregue ao seu destino. Desse modo, o homem também não é uma mera coisa que reside inerte em um mundo da necessidade; pelo contrário, na medida em que compreende o ser, o homem se coloca no campo da possibilidade, da transcendência e elabora as possibilidades de sua existência. (WERLE, 2003, p. 100).

O fato é que, para o autor alemão, homem e mundo estariam interligados, pois “(...) nossa pré-compreensão, inseparável de nossa existência ou de nosso estar-aí (Dasein), nos impede de escapar à nossa situação histórica (...)”.

(HEIDEGGER apud COMPAGNON, 2010 p. 62). Ou seja, não podemos nos situar fora de nossa condição, visto que nossa própria existência correlaciona-se com ela, tendo a consciência de nosso fim e projeto último por meio da morte.

A morte é, portanto, um dos elementos constitutivos dessa condição do *dasein*. Por ter consciência da morte enquanto projeto último, o constante devir do homem enquanto projeto adquire seu caráter de abertura. O ser significa-se e ressignifica-se em correlação com o mundo, por meio de um movimento de simbiose e abertura.

2. Quando um defunto toma consciência de sua condição

Partindo de tais explicações sobre as teorias de Heidegger, abrimos caminho para propor uma aproximação dialética entre elas e o romance de Machado de Assis. No entanto, antes disso, é necessário estudarmos, nesta seção, como a morte é exposta na obra machadiana, para que, em outro momento, debrucemo-nos sobre a interface entre os conceitos filosóficos abordados e a composição da obra de arte literária.

Publicada inicialmente em formato de folhetim, na Revista Brasileira, de março a dezembro de 1880 e, compilada em livro pela primeira vez somente no ano posterior, em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, funda, histórica e estilisticamente, o realismo brasileiro. Sendo bem recebida pela crítica da época, o escritor compõe sua obra de forma ousada, ao propor um defunto que conta suas memórias de vida, após sua morte, começando com uma afirmação intrigante para seus leitores, “(...) eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor (...)” (ASSIS, 2006, p. 17).

Brás Cubas, defunto-autor do livro, reflete apoiado em suas memórias, sobre uma cadeia de eventos que foram decisivos para a formação de seu caráter, assim como determinantes para a maneira como viveu. O narrador em primeira pessoa, que é também personagem principal do romance, fala-nos, ainda, sobre a forma inusitada de contar sua história, partindo dos relatos de sua condição de cadáver, para as inquietações e ações em vida.

Alguns desses eventos, por conseguinte, se

sobressaem na escritura defunta de Brás Cubas, entre eles: a) Uma infância mimada, repleta de vontades; b) Seu envolvimento com a prostituta Marcela, com a qual gastara grande parte do dinheiro de seu pai; c) Sua candidatura, fracassada pela falta de tato com tal empreendimento; d) Sua paixão por Virgília, grande amor de sua vida, com quem acaba noivando; e) Sua amizade com Quincas Borbas, colega de infância que reencontra no Rio de Janeiro e pelo qual nutre apreço; f) Sua morte, decorrência de uma pneumonia mal curada e de sua obsessão na criação de um emplastro que curasse a melancolia da humanidade.

Nem seria preciso dizer que, por se caracterizar como um narrador homodiegético, os fatos mencionados por Brás Cubas fundem-se as suas percepções *post mortem*⁵, por meio das quais comenta sua vida livre de quaisquer preocupações morais ou éticas. Afinal, como está narrando a sua vida fora da sua condição sociocultural e histórica, sem preocupações acerca de valores morais ou éticos, revela-nos o lado mais obscuro da burguesia do século XIX.

Tal distanciamento dessa situação sociocultural permite que passagens como “(...) – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”, (ASSIS, 2006, p. 159), adquira uma carga semântica poderosa e reveladora diante de sua profunda decepção com o mundo, deixando transparecer a injustiça e a hipocrisia social de sua época, da qual participara em vida.

A morte aparece-nos, aqui, como um elemento que retira o personagem principal da narrativa, de sua condição de vivente, em busca de uma legitimação de seu relato em relação ao contexto histórico no qual se insere. Afinal, como não confiar em um defunto, que nada mais tem a perder?

3. O homem como um ser-para-morte em *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Desta forma, Machado de Assis nos propõe uma reflexão acerca da condição humana a partir de um personagem que fala-nos de uma perspectiva não humana. Ou seja, somente fora de sua condição de humanidade, Brás Cubas, busca humanizar-se, olhando para sua vida, agora passada, justamente por não estar inserido nela.

5-Expressão latina que significa “depois da morte”, “após a morte”, “posterior à morte”.

Um dos elementos de sua narrativa que corrobora essa afirmação é a percepção do tempo. O defunto autor narra, a partir de sua morte, os acontecimentos de sua vida, ou seja, ele inverte a ordem cronológica a partir da qual as narrativas tradicionais se estruturam. Sobre esse fenômeno da percepção do tempo e do espaço, Bakhtin nos diz que “(...) o acontecimento histórico constituído de recordações abstratas não é inteligível (não é visível) se não está localizado num espaço onde está gravada a necessidade de sua realização num tempo e num lugar determinados.”, (BAKHTIN, 1997, p. 258). O narrador situa-se livremente entre os períodos de tempo que lhe convém, para conhecer e refletir profundamente acerca de uma vida que, só agora, em sua condição de defunto, se torna necessária e o angustia.

Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. (ASSIS, 2006, p. 26).

Livre de um modo de ser-estar dependente de um status quo dominante, o defunto pode lançar um olhar sobre o que fora em vida, antes conhecendo-se melhor, do que intencionando algum tipo de redenção. É, portanto, na morte, que o personagem da obra machadiana vê-se obrigado a perceber sua humanidade, agora não mais regido pelas convenções econômicas e socioculturais, mas sim, pela analítica de sua passagem pela vida.

Ainda acerca dessa forma de perceber-se no espaço e no tempo, recorramos novamente a Heidegger. O filósofo nos explicita que determinadas formas de existência podem ser consideradas inautênticas. Para o mesmo, a inautenticidade seria formada por três características: 1) facticidade; 2) existencialidade e 3) ruína. A primeira diz respeito ao fato do homem ser lançado ao mundo⁶ sem desejar ou escolher tal acontecimento, ou seja, fatos alheios a sua vontade; a segunda diz respeito ao desejo, inerente ao homem, de ser para além de si, de projetar-se para além de si; já a terceira diz respeito ao desvio do homem de seu projeto essencial de

descobrimto interior, tornando-o um indivíduo massacrado pelas preocupações cotidianas, perturbado em reduzir sua vida à objetividade.

Ainda para o filósofo alemão, ao intencionar transcender ao mundo, o homem depara-se com um enorme sentimento de angústia, o qual motiva o indivíduo a resignificar-se enquanto ser e lançar-se às mais profundas reflexões acerca da condição humana. Do mundo, no entanto, surgiria toda a angústia que aniquilaria as idiossincrasias do ser humano, lançado-o ao nada. O homem vê-se, portanto, impedido, temporalmente e historicamente, de ser um ser acabado, vivendo em um estado de permanente conflito.

Na angústia – dizemos nós – “a gente sente-se estranho”. O que suscita tal estranheza e quem é por ela afetado? Não podemos dizer diante de que a gente se sente estranho. A gente se sente totalmente assim. Todas as coisas e nós mesmos afundamos numa indiferença. Isto, entretanto, não no sentido de um simples desaparecer, mas em se afastando elas se voltam para nós. Este afastar-se do ente em sua totalidade, que nos assedia na angústia, nos oprime. (HEIDEGGER, 1999, p. 56-57).

No romance do escritor brasileiro, essa angústia se dá, justamente, atrelada à revisitação das lembranças do personagem. Ao sentir-se indiferente ao mundo, Brás Cubas sente a necessidade de criar um espaço-tempo discursivo no qual é afetado por uma vida da qual tenta se afastar, embora não consiga. Tendo em vista a objetividade dessa vida que lhe corroeu o descobrimto interior, ele tenta por meio da morte, desvendar aspectos de sua Existência inautêntica⁷. É na morte que o personagem abandona uma forma de ser do ente baseada nas implicações e determinações de uma vida cotidiana, que torna o homem cansado de si, preferindo render-se à banalidade, do que lançar-se sobre o autoconhecimento.

Esse movimento de afastamento, pelo contrário, o aproxima cada vez mais do objeto de sua angústia. A legitimação de sua condição de defunto autor surge, necessariamente, de sua inquietude diante de um sentido último para a vida, que já não possui. Ou como nos diz um dos grandes estudiosos da obra machadiana, Roberto Schwarz, “Menos que afirmar outro mundo, Brás quer destratar o nosso,

6 Mundo neste caso refere-se às condições geográficas, sociais, políticas e econômicas em meio as quais o homem terá de viver.

7 Conceito formulado por Heidegger em seu livro “Ser e Tempo”.

que é dele também, isto para infligir-nos a sua impertinência.” (SCHWARZ, 2000, p. 16). A vida apresenta-se, portanto, para o personagem, como uma existência inautêntica que ele se esforça em legitimar e/ou tentar explicar. Essa motivação surge oriunda de um distanciamento da sua condição de vivente, que o atormenta.

Nessa perspectiva o narrador-personagem apresenta-se como um ser-para-morte em dois planos: no primeiro, a morte surge como decorrência de uma condição socioeconômica, na qual a objetividade fora tomada em detrimento da compreensão de sua vida. No segundo, acompanhada do sentimento de angústia, a morte ocasiona um processo de revisitação de sua vida, na busca por uma legitimação e/ou compreensão de sua existência. Ou seja, tanto no primeiro, quanto no segundo, a morte é o ponto de partida de suas reflexões, tornando-se o elemento catalisador de sua angústia e o ponto de intersecção entre sua condição passada e presente, mediando a revisitação de sua existência.

4. Considerações finais

Pode-se dizer que, ao utilizar a filosofia como aporte metodológico para a análise da condição de existência e, da legitimação dessa condição por meio da morte, criou-se um campo de reflexão bastante importante, atuando em uma perspectiva comparada, contribuindo para um aprofundamento dos questionamentos e da análise da composição literária da obra de arte.

Conclui-se então, apoiado nas reflexões acerca da morte, produzidas pelo filósofo alemão Martin Heidegger e, tomando-as, em diálogo, para o estudo da composição literária de Machado de Assis, que a condição de defunto autor é de fundamental importância para o desenvolvimento e legitimação narrativa de Brás cubas, bem como para o desenrolar do enredo machadiano.

Afinal, nos permitimos observar que, tal narrativa caracteriza-se por uma angústia, por parte do personagem, oriunda de uma necessidade de racionalizar a sua existência, que entrelaça os fatos de acordo com sua conveniência lógico-temporal e ideológica, remodelando as estruturas do tempo e do espaço no enredo. A partir disso, evidencia-se um sujeito de duvidoso caráter que, objetificado em vida, tenta significar sua existência inautêntica em morte, na busca e/

ou esperança de que sua trajetória, em vida, obtenha, em morte, algum sentido último.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la Philosophie? In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. *O que é Metafísica?* In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. *Les essais*: tome I. Albert Thibaudet (Org). Paris: Éditions Gallimard, 1965.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2000.

WERLE, Marco Aurélio. *A angústia, o nada e a morte em Heidegger*. Trans/Form/Ação. Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Sept. 2016.

Recebido em 21/09/2016

Aceito em 02/12/2016